



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)  
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)  
BACHERELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)**

**GABRIEL HOLANDA ALMEIDA**

**Masculinidades subalternizadas em Chorozinho: A terceira margem do rio**

**ACARAPE – CE**

**2023**

**GABRIEL HOLANDA ALMEIDA**

**Masculinidades subalternizadas em Chorozinho: A terceira margem do rio**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Joalice Conceição

**ACARAPE – CE**

**2023**

**GABRIEL HOLANDA ALMEIDA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

**BANCA EXAMINADORA**

**Apresentado em: 11/12/2023.**

---

**Profa. Dra. Joalice Santos Conceição (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira –  
UNILAB

---

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daniele Ellery Mourão**

Examinador Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira –  
UNILAB

---

**Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Carlos Eduardo Bezerra**

Examinador Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira –  
UNILAB

*“Não queimem as bruxas, mas que amem as bixas, mas que amem, que amem, clamem que amem, que amem as travas também, amém.”*

Linn da Quebrada, *Oração*, 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

Peço licença às que vieram antes de mim, Laroyê para aquele que me mostrou o caminho e peço a bênção às mais velhas e aos mais velhos. A caminhada até aqui foi árdua e só foi possível graças a muitas pessoas que, de alguma forma, me ajudaram, que me ergueram e pavimentaram o caminho. Sou muito grato a todas essas pessoas.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família, minha mãe Regiane, que sempre esteve ao meu lado, possibilitando a minha cura com lambedores e chás; ela que moveu montanhas para que eu fosse à escola; ela que permitiu minha educação até aqui. Quero agradecer a meu pai Rildo, que me mostrou as inventividades de ser várias coisas ao mesmo tempo, revelando-me as tecnologias de gambiarra, principalmente seus feitiços para romper quebranto. Quero agradecer a meu irmão Guilherme, que me apresentou Racionais MCs, Sabotage e Bob Marley; que me levava ao rio todo domingo, que foi minha referência na rua e dentro de casa, mesmo em outro plano, sinto sua energia me fortalecendo. Quero agradecer a minha tia Tereza, que deixou minha criatividade fluir livre, mesmo que isso custasse algumas panelas amassadas e enfeites de casa quebrados.

Agradeço também, aos que vieram antes de mim, que possibilitaram a caminhada para chegar onde cheguei hoje, meu avô Raimundo Albano, meu avô Raimundo Saraiva, minha avó Risalva Moura e minha avó Maria Holanda que, mesmo sem a ter conhecido, sinto seu alento. Agradeço a todas as mulheres que ajudaram na minha criação quando minha mãe estava trabalhando.

Agradeço também, à todas as minhas amigas e meus amigos que estiveram comigo e me ajudaram em todos os momentos da vida e desta pesquisa, em especial Nayra Hevily, Itamir Vieira, Marcelo Douglas, Geyla Nogueira, Ylder Albano, Salatiel Silva, Pedro Henrique, Danisleo Lima, Francisco Wellington e Melissa Ribeiro, que não pôde participar do filme, por motivos maiores. Quero agradecer ao meu grupo de capoeira *Camuá*, em nome do meu professor Flaviano, por despertar a ginga dentro de mim, por me educar a levar uma rasteira e me reerguer gingando.

Por último e não menos importante, quero agradecer à minha orientadora, Joalice Conceição, por ter me acompanhado nessa jornada tão importante, por ter confiado em mim e não ter soltado a minha mão.

*Dedico este trabalho para todas às bixas, aos  
“viados”, às travas, para as/os periféricas e  
interiorana(o)s. Muiíssimo obrigado!*

## RELATÓRIO

**Título do vídeo:** A TERCEIRA MARGEM DO RIO

**Duração do vídeo:** 23:50

**Entrevistada(o)s:** Raimundo Albano, Jucy Cassiano, Rildo Ribeiro e Andesson Andrade

**Personagens:** Ana Julia (Nayra Hevily), Alê (Marcelo Douglas), Pietro (Ylder Albano), Lucas (Salatiel Silva) e Dila (Geyla Nogueira)

**Ficha técnica: Direção/Roteiro/Pesquisa/Edição/Produção/Preparação de elenco/  
Fotografia:** Gabriel Holanda (Café Frio)

**Capa:** Marcelo Douglas

**Assistência de fotografia:** Pedro Henrique e Marcelo Douglas

**Produção Técnica:** Pedro Henrique

**Assistência de produção:** Juliana Silva e Ryan Christian

**Transporte:** Rildo Ribeiro, Geyla Nogueira e Regiane Holanda

**Alimentação:** Regiane Holanda

**Materiais para confecção de guia:** Francisco Wellington (Cisco)

**Pano de cabeça:** Priscila Silva em nome do Terreiro da mãe Silvia “Casa de São Jorge” em Chorozinho

**Armário disponibilizado por** Tereza Freitas, **Tripé disponibilizado por** Joaquim Cláudio, **Câmera disponibilizada** por Marcelo Douglas

**Local:** Chorozinho, Ceará

## **RESUMO:**

O presente estudo pretendeu analisar as masculinidades contra-hegemônicas na cidade de Chorozinho, Ceará, a fim de compreender o que podem as masculinidades que fogem do padrão hegemônico estabelecido, já que a masculinidade é uma categoria de gênero utilizada para pensar e discutir as performances de sexualidades. Os objetivos específicos foram: investigar os direitos e deveres das diversas masculinidades que estão fora dos padrões hegemônicos; comparar a masculinidade hegemônica e as masculinidades subalternizadas e seus dispositivos de sobrevivência. A masculinidade está assentada na dicotomia de mundo que circula em volta do “macho e da fêmea”, homem e mulher (ALMEIDA, 1996). Igualmente, a masculinidade é um conjunto de comportamentos e papéis atribuídos aos homens, sendo construída socialmente a partir da cultura em que o indivíduo está inserido. Este estudo se justifica pela escassez de investigações sobre masculinidades na cidade de Chorozinho; pela contribuição que este trabalho pode oferecer ao município, para que assim possa criar políticas públicas para pessoas consideradas não hegemônicas sexualmente. Com o intuito de alcançar tais objetivos utilizamos o método qualitativo aliado a técnica de entrevistas e observação participante no formato de audiovisual. A situação-problema diz respeito a tentativa de responder à pergunta: por quais motivos as masculinidades contra-hegemônicas em Chorozinho são subalternizadas? Ainda sobre as demais situações secundárias são: O que podem as masculinidades contra-hegemônicas? Por que a masculinidade hegemônica é uma ferramenta a dominação e o genocídio para o povo negro e dissidentes? A principal hipótese do trabalho refere-se à problemática do Brasil ser um país machista, racista, sexista e misógino, cujo o poder está com o homem branco, cisgênero, heterossexual, rico e provedor de família. As hipóteses secundárias são: as masculinidades subalternizadas fogem do padrão heteronormativo do “ser homem”. Por fim, a masculinidade hegemônica é resultado do poder, estruturada em cima da opressão e da dominação, sobretudo a dominação sobre as mulheres e homens que não estão nos padrões dominantes em sua diversidade. Para o embasamento teórico, utilizamos as seguintes autoras, hooks (2019; 2022), CONNELL (1995), CONCEIÇÃO (2011; 2017), BUTTLER (2003; 2018), ALBUQUERQUE JÚNIOR (2011; 2013), ALMEIDA (1996), SPIVAK (2010), ADICHIE (2019), dentre outras. Com isso, espera-se que a realização dessa pesquisa possa contribuir para ampliar as discussões sobre as masculinidades, bem como a existência dos corpos dissidentes, humanizando-os e desmistificando suas vivências, sobretudo, na cidade de Chorozinho.

**Palavras-chave: Masculinidades; subalternização; políticas públicas.**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Roteiro do vídeo</b> .....	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Considerações técnicas</b> .....	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>TÓPICOS DO VÍDEO</b> .....	<b>17</b>
<b>3.1</b>	<b>Corpos em aliança</b> .....	<b>17</b>
<b>3.2</b>	<b>A confluência dos rios</b> .....	<b>18</b>
<b>3.3</b>	<b>Preservar o avesso</b> .....	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O primeiro contato com as construções de gêneros, ocorre dentro de casa, com nossa família. Posteriormente, te-se o contato na rua e na escola. São uma série de instruções que devemos seguir para nos enquadrarmos nos padrões de gênero que nos foi imposto, como comportamentos, modo de ver o mundo, desejos e até mesmo, nossa posição social.

Na atualidade é perceptível a influência que os meios de comunicação exercem na construção de imaginários e estereótipo dos gêneros, a exemplos de filmes, séries, programas de televisão, etc. A autora bell hooks (2022) fala de como homens são instruídos pelas mídias a seguirem o modelo opressor de masculinidade<sup>1</sup> e do patriarcado. Essa masculinidade opressora e hegemônica a qual hooks (2022) se refere, é a que privilegia os homens brancos, cisgêneros e heterossexuais, uma masculinidade falocêntrica. Se acreditarmos em apenas um modelo de masculinidade, excluiremos as outras possibilidades de existir no mundo, por isso, penso na pluralidade dessas performances, não como uma dicotomia de homens e mulheres, mas como uma variedade de masculinidades, assim como Almeida (1996), acredita que tanto a feminilidade quanto a masculinidade são metáforas de poder e de ações que homens e mulheres têm o acesso.

Em cada região do Brasil existe uma maneira de estruturar o que é esperado que um homem, as formas como ele deve agir para ser homem de verdade. Isso se dá pelo fator cultural, entendendo que a cultura é essa teia de significados que o próprio ser humano teceu e deu sentido, a cultura sendo essencialmente semiótica (GEERTZ, 1989). No Ceará tem a imagem forte do “cabra macho”, do sertanejo com as mãos calejadas do roçado, que é viril, essa é a performance na qual os homens nordestinos são socialmente condicionados a seguir, tal como no livro Nordeste: A invenção do falo (2013), o autor nos apresenta as mídias que foram construídas sobre o homem nordestino em todo o Brasil desde os anos 70, quando se faz o recorte para o interior e para a periferia do Ceará esta imagem é muito presente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013).

Quando o homem não corresponde a masculinidade que lhe é imposta pela cultura, no qual está inserido, ele é visto como “viado”, “baitola” ou “bixa”,

---

<sup>1</sup> O conceito está fundamentado na (CONNEL, 1995), ao se referi a masculinidade como uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Isto é, a masculinidade para além dos papéis sociais, a qual são atribuídos aos homens, as relações de poder e de cada masculinidade.

independentemente de sua sexualidade. Como vivemos em um país misógino, sexista e machista, ser associado a algo feminino é naturalmente ser colocado no lugar de subalternidade, lugar de violências e submissão. Subalterno significa está, nas camadas mais baixas da sociedade, excluído dos mercados, das representações de políticas legais, bem como da possibilidade de se tornar membro no estrato social dominante (SPIVAK, 2010).

Como observado, as pessoas que estão fora dos padrões heteronormativos, tais quais podem ser encontradas em Chorozinho, cidade localizada na região do vale do caju, por ser uma cidade pequena, existe uma forte exclusão social de pessoas *Queer*<sup>2</sup> (BUTLER, 2003), pessoas que não performam a heteronormatividade, a cisgeneridade são subalternizadas e por vezes têm seus direitos negados (SPIVAK, 2010). A escassez de dados sobre a violência contra a população LGBTQIAP+ de Chorozinho denuncia a ausência de políticas públicas para esta comunidade.

As pessoas que têm uma masculinidade *contra-hegemônica*<sup>3</sup> são colocadas às margens, ficam à deriva. E para entendermos de fato, como se dão essas construções, devemos, pois, interseccionalizar, fazer os recortes sociais para compreendermos quem são esses indivíduos subalternos e o que a sociedade espera deles (CRENSHAW, 2002). Ora quando nos referimos a um homem negro e sua masculinidade, não podemos colocá-lo na mesma esfera que a do homem branco pois, por mais que os homens negros queiram performar o masculino hegemônico, estes não são detentores do mesmo capital-homem (hooks, 2022), logo eles não usufruem plenamente da esfera de poder. Ao contrário, a masculinidade hegemônica os afoga. A hegemonia aqui referida, é aquela que detêm o maior poder dentre as outras masculinidades, já que ao redor dela existem outras que a orbitam. Porém, são “dominadas” pelo homem branco, cisgênero e heterossexual que performa a virilidade, a dominação e a competitividade.

Diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Uma determinada forma hegemônica de

---

<sup>2</sup> Queer, palavra de origem inglesa foi usada inicialmente na Inglaterra, especificamente em Londres para designar, os vagabundos, prostitutas e pessoas pervertidos, depravados naquela sociedade, portanto, pessoas que fogem dos padrões hegemônicos de vida e de gênero Butler (2003). A partir desse entendimento, neste trabalho, usaremos o termo “bixa” para designar pessoas *Queers*, já que este termo é usual para a maioria da população que reside interior do Ceará.

<sup>3</sup> O termo masculinidade hegemônica, é usado neste texto a partir do pensamento do autor (ALMEIDA, 1996).

masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela (CONNEL, 1995, p. 189).

A citação acima dialoga com o pensamento de hooks (2022), no sentido de nos ajudar a elaborar e perceber as condições estruturais que cada pessoa está inserida para o exercer sua masculinidade plenamente. A intelectual hooks nos diz que:

Homens brancos atacavam homens negros nos anos 1960 por não cumprirem o papel patriarcal quando se tratava de trabalho e família, e homens negros diziam aos homens brancos que a sexualidade era o único lugar onde a masculinidade importava – e ali o homem negro reinava (hooks, 2022, p. 60).

Neste sentido, os homens negros, são impedidos pelo sistema racial de exercer a masculinidade como o homem branco padrão. Deste modo, devemos entender a historicidade das construções de gênero, uma vez que essa história inclui a conquista colonial direta, que fez das relações de raça uma parte inevitável da dinâmica de gênero (CONNEL, 1995, p. 192).

Em geral, os grupos conservadores brancos, enquanto organização social, não aceitam as masculinidades contra-hegemônicas, decoloniais, que fogem do que se espera do ser homem. Vale salientar que a masculinidade hegemônica é um modelo cultural vista como ideal, consistente, e inalterada, porém pouco atingível (CONNEL, 1995).

Apesar das bixas residentes no interior do estado do Ceará e suas periferias serem postas à margem da sociedade e invisibilizadas pelos órgãos oficiais, ainda assim, elas promovem ações que reivindicam políticas públicas e ações culturais, já que tais pessoas não são ouvidas, são frequentemente violentadas e mortas. Suas ações mostram que elas não estão no lugar de passividade, ao contrário, estão se organizando, gingando<sup>4</sup> em defesa dos seus direitos.

Foi a partir de minhas vivências, de meus amigos e amigas que se sentem marginalizadas, que surgiu a necessidade de analisar as masculinidades contra-hegemônicas em Chorozinho, pesquisar quais suas potencialidades, para compreender o que podem essas masculinidades que parecem ser subalternizadas, a fim de mostrar na pesquisa quais os direitos e deveres dessas pessoas que tem masculinidades subalternizadas. Este estudo se justifica pela escassez de investigações sobre masculinidades na cidade de Chorozinho, assim pela a exclusão e pelo silenciamento que

---

<sup>4</sup> Segundo Nascimento (2019), a ginga faz parte do arcabouço de estratégias e dos repertórios socioculturais dos grupos subalternizados brasileiros, especificamente do povo negro. O ato de gingar na capoeira é uma forma de esquivar de golpes, na vida social é o meio de driblar as situações que nos são apresentadas.

as bixas sofrem na cidade. Além da carência de políticas públicas que garantam os direitos desse grupo.

Neste trabalho ao referir aos termos “viado”, “baitola” ou “bixa”, significa dizer, cortar os laços desses adjetivos, que é muitas vezes usado no pejorativo, para se referir à sexualidade, estou me referindo a um comportamento e a uma ética *Queer*. A partir disso, o presente estudo pretendeu analisar as masculinidades contra-hegemônicas na cidade de Chorozinho, Ceará, a fim de compreender o que podem as masculinidades que fogem do padrão hegemônico estabelecido. Como objetivos específicos, investigamos quais os direitos e deveres dessas diversas masculinidades. Pretendeu, ainda, comparar a masculinidade hegemônica com as masculinidades subalternizadas e seus dispositivos de sobrevivência revolucionários.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos no estudo, utilizamos o método qualitativo, aliado à técnica de entrevistas com homens, mulheres, bixas que de alguma forma sofrem a opressão, com a finalidade de entender sua ginga para sobreviver e se organizar, além da observação participante, no formato de audiovisual, na qual será desenvolvida uma ficção que conduzirá o documentário, denominado como docuficção<sup>5</sup>.

A proposta é um documentário que rompa com o mercado de cinema, que subverta a lógica vigente, ao tempo em que se propõe a documentar entrevistas com base em fatos reais, porém conduzido pela ficção. O trabalho que ora apresento propõe um filme em crise identitária tanto do próprio cinema, quanto das masculinidades, com o intuito de desorganizar para organizar, como afirma Joalice Conceição (2017).

As situações problemas que conduziram a pesquisa dizem respeito ao entendimento dos motivos pelos quais as masculinidades contra-hegemônicas em Chorozinho são subalternizadas? Temos como situações secundárias os seguintes questionamentos: o que podem as masculinidades contra-hegemônicas? Por que a masculinidade hegemônica é uma ferramenta de dominação e de genocídio para o povo negro e dissidentes?

Quanto à principal hipótese do trabalho, esta se refere à problemática do Brasil ser um país machista, racista, sexista, misógino e LGBTfóbico, ou seja, quem detém o poder é o homem branco cisgênero heterossexual rico e provedor de família. As hipóteses secundárias são: as masculinidades subalternizadas que fogem do padrão

---

<sup>5</sup> Obra audiovisual de caráter híbrido, que apresenta ao mesmo tempo características típicas do documentário tradicional (como registros de eventos da vida real) e elementos imaginários próprios das narrativas de ficção. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2021)

heteronormativo do “ser homem”. Por fim, a masculinidade hegemônica resultante da colonização dos europeus, essa masculinidade é estruturada na base da opressão e da dominação, sobretudo, na dominação direcionada às mulheres na sua diversidade.

O filme está dividido em três tópicos, sendo que cada um tem sua função narrativa que conduzirá o público a entender a pesquisa. A discografia presente no trabalho está em consonância com o texto fílmico, cuja, estética denota a ética proposta, que é dar voz às pessoas que são deixadas à margem.

Com isso, espera-se que a realização dessa pesquisa possa contribuir para ampliar as discussões sobre as masculinidades, bem como a existência dos corpos dissidentes, especialmente, na cidade de Chorozinho.

## **2 METODOLOGIA**

Para a realização da pesquisa e com o intuito de alcançar os objetivos propostos utilizamos o método qualitativo aliado a técnica de entrevistas, para melhor entendermos o contexto social e político que as pessoas de Chorozinho estão localizadas. Para a entrevista foi utilizado um questionário com perguntas semiestruturadas. Também foram realizadas observações participantes no formato de audiovisual, que compôs a *docuficção*, ou seja, um filme que percorre entre documentário e ficção, “gingando” para apresentar problemas reais em um mundo fictício.

Para fundamentação teórica utilizamos autores e autoras, tais como: hooks (2019; 2022), CONNELL (1995), CONCEIÇÃO (2011; 2017), BUTTLER (2003; 2018), ALBUQUERQUE JUNIOR (2011; 2013), ALMEIDA (1996), SPIVAK (2010), ADICHIE (2019), dentre outras referências. Desta forma, intentamos conseguir apresentar os problemas da pesquisa, de modo a preservar a identidade das pessoas entrevistadas.

### **2.1 Roteiro do vídeo**

Com o propósito de melhor compreender as problemáticas acerca das masculinidades hegemônicas utilizamos algumas áreas de pesquisa, pois para fundarmos algumas bases de uma proposta epistemológica na qual tenha o cinema como fonte de conhecimento ou até mesmo como objeto de pesquisa, são necessários certas interações e diálogos com a antropologia e a sociologia (REYNA, 2017, p. 42), essa interdisciplinaridade exige arcabouço teórico e prático sobre as linguagens citadas. Os grupos subalternizados devem se apropriar dos meios de comunicação, pois “se temos o

cinema como mecanismo pelo qual a cultura e a sociedade produzem e reproduz os seus significados sociais, ou seja, um meio de representação e reflexão do mundo, só nos resta saber ter acesso a ela” (REYNA, 2017, p. 45).

Ao pensar como seria feita esta pesquisa, a primeira ideia foi realizá-la em audiovisual, a fim de ser uma pesquisa com maior difusão, por entendermos o filme como um ótimo método para coleta de dados e o cinema como um lugar de disputas imagéticas. Segundo o antropólogo Reyna:

Contemporaneamente, o que tudo indica, que a pesquisa em antropologia visual não só se limita à utilização do filme etnográfico como método, mas a questão de coleta de dados etnográficos e interpretação antropológica está se originando de outras fontes não etnográficas tais como a internet, televisão e fundamentalmente, diria eu, o cinema documentário e de ficção (Reyna, 2017, p. 39).

Então, para realizar esta pesquisa, além da utilização do filme etnográfico, também nos apoiamos na ficção para ilustrar a cidade e as motivações do filme, ademais de conduzir as entrevistas, culminando em uma intervenção artística na praça principal da cidade, onde se localiza a igreja matriz.

Para a produção do curta metragem, fizemos um roteiro de ficção, um drama que conta a história de 5 pessoas *Queers*, insatisfeitas com as violências que elas sofrem na cidade onde moram e com a escassez de políticas públicas que assegurem seus direitos. Em consonância, fizemos um roteiro de perguntas semiestruturadas para ir a campo realizar os diálogos com as pessoas entrevistadas. Estavam previstas 6 entrevistas, sendo elas, uma mulher trans, um homem trans, uma mulher cis, um homem cis negro hetero, homem cis branco hetero e um homem gay, porém, não conseguimos alinhar nossos horários, haja vista que as idas a campo aconteciam somente aos fins de semana devido ao trabalho e a faculdade durante a semana, enquanto algumas das pessoas que seriam entrevistadas trabalhavam durante o fim de semana.

O nome escolhido para o curta-metragem, “A terceira margem do rio”, é o conto mais famoso de João Guimarães Rosa, publicado em seu livro “Primeiras Estórias”, lançado em 1962 e republicado no livro “Melhores Contos: João Guimarães Rosa, organizado por Walnice (2020). O conto é uma ficção narrada em primeira pessoa pelo filho de um homem que abandona sua família e a sociedade para viver em uma canoa em um imenso rio. A terceira margem do rio remete a canoa que o homem passa a viver dentro, já que um rio não possui três margens, já no curta, a terceira margem são as bixas deixadas à mercê na cidade.

Para a escolha das personagens da ficção, o pré-requisito foi, serem pessoas que sofrem na pele a opressão da masculinidade hegemônica e que toparam participar da pesquisa. A princípio, as personagens teriam mais tempo de cena e poderíamos trabalhar melhor o desenvolvimento delas, pois o roteiro tinha meia hora, entretanto o tempo de filme deve ser mais ou menos 20 minutos e não houve a possibilidade de se aprofundar melhor nas histórias. Dentre as cinco personagens da ficção, uma das personagens seria atuado por uma mulher trans, mas ocorreu alguns imprevistos de saúde com o pai da atriz que interpretaria e ele veio a óbito, deixamos aqui nossas condolências a esta querida amiga.

A escolha das cenas da cidade se deu para mostrar o território onde se passa o filme, ambientando este lugar, que apesar de ser interior, não caí na estereotipia do que foi construído pelas grandes mídias do que é um nordeste (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Desta maneira, utilizamos da arte do audiovisual para reflorestar nosso imaginário com este curta que traz um nordeste onde bixas se articulam para fazer revoluções dentro de seus contextos sociais.

O filme carrega consigo referências religiosas nas cenas, nos objetos e nas construções das personagens. Santos (2015) acredita que “A religião é uma dimensão privilegiada para o entendimento das diversas maneiras de viver, sentir e pensar a vida entre os diferentes povos e sociedades”. As referências são majoritariamente católicas, por ser uma religião que está intrinsecamente ligada a história da cidade e referências da umbanda, por ser marginalizada no município.

As cores de cada personagem, roupas e acessórios, foram escolhidas a partir das representações e personalidades de cada uma. Ana Julia representa autonomia, beleza, sabedoria e o poder feminino, as cores dela são referências à Orixá Oxum, dona dos rios e cachoeiras, à deusa do ouro, por isso são tons dourados e o amarelo, bem presente em sua paleta. Por sua vez, Alê é a representação de Xangô que tem as cores vermelhas, o Orixá é símbolo da justiça e seriedade, características que o personagem traz em sua essência. No caso de Lucas, o propósito dele é ser um jovem gay que cresceu em Chorozinho, em uma família católica. A cor azul que predomina no vestuário do personagem se dá por conta das cores da bandeira da cidade. Pietro é comunicador, umbandista e devoto de Exú, as cores que caracterizam esse personagem são o preto e o vermelho, pois são as cores que simbolizam o Orixá. Por último, Dila que por ser a base do grupo tem cores neutras, roupas florais de pouco contraste, mas com muita elegância.

As músicas que aparecem por todo o curta são do álbum *Jesus não voltará* (NASCIMENTO, 2023), do artista conhecido como Mateus Fazeno Rock. O álbum em questão trata sobre as vivências das masculinidades negras de periferia, mais especificamente da periferia de Fortaleza, capital do Ceará. Diferentemente da pesquisa, as músicas tratam de vivências da capital, entretanto, as narrativas se assemelham em vários aspectos por estarem próximas geograficamente e estejam abordando masculinidades subalternizadas. A música escolhida para encerrar o filme é a mesma que encerra o álbum, ela é a 13ª do álbum de Mateus e se chama: *Da noite* (NASCIMENTO, 2023).

## **2.2 Considerações técnicas**

Esta pesquisa fílmica não teve nenhum financiamento, entretanto ocorreram muitos diálogos e colaborações entre amigos, minha família e do coletivo “A ponte”<sup>6</sup> para que ela pudesse se realizar da melhor forma possível. Cada atriz e ator se responsabilizou pela caracterização de seu/sua personagem.

As imagens foram gravadas com uma câmera Canon EOS Rebel SL3. Já os áudios, foram captados utilizando um celular Redmi Note 8. Todo material foi montado e editado em um notebook Acer. Devido à escassez de equipamentos, alguns áudios têm ruídos e barulhos de vento que não foram possíveis a remoção nas edições.

## **3 TÓPICOS DO VÍDEO**

Como dito anteriormente, o vídeo é guiado por tópicos que auxiliam o entendimento nas discussões teóricas, etnográficas e práticas da pesquisa. Os tópicos são: *Corpos em aliança*, *confluência dos rios* e *preservar o avesso*.

### **3.1 Corpos em aliança**

A primeira parte apresenta as problemáticas, as personagens que conduzirão as crises da pesquisa e do filme. O título deste tópico é recorte do livro de Butler, “*Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia*” (2018), mais especificamente do capítulo 2. Assim, a proposta desse tópico é mostrar a aliança entre pessoas marginalizadas na cidade. São homens e mulheres negros e negras e LGBTQIA+. Conforme o que diz Butler:

---

<sup>6</sup> Coletivo de artistas, no qual faço parte, que promovem ações voltadas para arte, cultura e educação na cidade de Chorozinho, Ceará.

Para que a luta pelos direitos das minorias sexuais e de gênero seja uma luta por justiça social, isto é, para que ela seja caracterizada como um projeto democrático radical, é necessário perceber que somos apenas uma das populações que têm sido, e continuam sendo expostas a condições precárias e de perda de direitos. Além disso, os direitos pelos quais lutamos são direitos plurais, e essa pluralidade não está circunscrita, de antemão, pela identidade; isto é, não constitui uma luta apenas de determinadas identidades, e certamente é uma luta que procura expandir aquilo a que nos referimos quando falamos de “nós”. Assim, o exercício público do gênero, dos direitos ao gênero, pode-se dizer, já é um movimento social, que depende mais fortemente das ligações entre as pessoas do que de qualquer noção de individualismo (BUTLER, 2018, p. 77).

A luta a qual Butler (2018) se refere é a luta coletiva, pois a justiça social só será conquistada de fato com um projeto democrático radical que busca o direito pleno de uma pluralidade de identidades, bem como, vemos no documentário, a aliança feita por diversas identidades, como umbandista, católico, homens, mulheres, pessoa com gênero não-binário, negras, brancas, ou seja, pessoas subalternizadas unidas, em prol de seus direitos, se distanciando de qualquer noção de individualismo.

As 5 pessoas cansadas e indignadas de serem subalternizadas, perdendo seus direitos e sendo expulsas das convenções sociais de sua cultura, decidem então agir. A ação que elas se propõem é um documentário com pessoas da cidade, pois querem questionar as representações de pessoas negras e LGBTQIA+ nas mídias (hooks, 2019), entendendo as estruturas de poder que se estabelecem também nas artes, que por sua vez, tem uma enorme força em criar imaginários (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

### **3.2 A confluência dos rios**

Nesta parte, é possível entender como se dão as construções de masculinidades em Chorozinho, de homens hetero cis, ou seja, dentro dos padrões hegemônicos, ao tempo, comparar com aqueles que são subalternizados.

Foram entrevistadas 4 pessoas, sendo um homem branco, cisgênero e heterossexual; um homem negro, cisgênero e heterossexual; um homem branco, cisgênero, gay e uma mulher negra, cisgênero e heterossexual, todas são pessoas que nasceram e viveram suas vidas na cidade. Confluência é um termo utilizado por Santos (2015) para tratar sobre a convivência e relação de todos os seres, vivos e não vivos da natureza, diferentes entre si, mas que coexistem em harmonia:

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas (SANTOS, 2015, p. 89).

Desta forma, é neste tópico onde os rios confluem, as diferenças se juntam para fluírem em busca de direitos daquelas que são marginalizadas e subalternizadas, indo contra a correnteza da hegemonia, tendo mais de uma perspectiva da mesma história. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2019), nos faz refletir sobre o poder que está por trás da perpetuação de uma história única.

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (ADICHIE, 2019, p. 22).

Dentro das hierarquias de poder, a masculinidade hegemônica é maior que as outras masculinidades, ou seja, está no topo da hierarquia, é ela quem conta as histórias e perpetua os preconceitos. Aqui devemos entender que “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” (ADICHIE, 2019, p. 23).

### 3.3 Preservar o avesso

Neste tópico, é onde acontece o clímax, onde as 5 personagens se reúnem e mostram sua organização social e política em praça pública. A primeira cena é com as personagens caminhando armadas com martelos e bem arrumadas, indo em direção a igreja matriz da cidade. O armário onde elas se reúnem ao redor, simboliza o armário que é expressado para as pessoas LGBTQIA+ ao “assumir” sua orientação sexual, a expressão “sair do armário”. Ao quebrarem esse objeto, estão quebrando as suas significações, mostrando que não querem mais voltar para dentro do armário, querem agora ter seus direitos garantidos, acesso a políticas públicas que as protejam e não serem mais subalternizadas, deixadas à margem.

Os sinais diacríticos, carregam consigo diferentes sentidos e significados, apesar deles por si só não terem sentidos e significados (ALMEIDA, 2004). Diferente de um sinal descritivo, eles são a razão que faz com que pessoas, mesmo que sem te conhecer, tirem conclusões sobre quem você é. Esses sinais se dão por conta dos preconceitos e estereótipos já estabelecidos em cada cultura, como por exemplo questões de raça, identidade de gênero e sexualidade (ALMEIDA, 2004). Em diálogo com os sinais diacríticos, no romance *O avesso da pele* o narrador conta:

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor,

por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem que preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos (TENÓRIO, 2020, p. 61).

Esse avesso que deve ser preservado é o lado de dentro, onde não existem sinais diacríticos, o lugar onde realmente importa. Desta forma o título nos remete que a destruição do armário é a destruição dos símbolos que carregam significados hegemônicos, então deve-se preservar o avesso para preservar o direito de ser quem é, sem precisar aceitar o racismo, ocultar seu gênero ou sua sexualidade para ser aceito socialmente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

O audiovisual pode ser entendido como uma potência para criar imaginários, mas também para reinventá-los, desta forma esta pesquisa revela outras possibilidades de existir no mundo, sendo elas a das bixas no interior do Ceará.

Esta pesquisa foi possível graças a uma grande rede de afetos, foram muitas mãos de pessoas subalternizadas unidas para que ela fosse realizada. Esperamos que esta, rompa as bolhas sociais e adentre a esfera pública para que os diversos corpos marginalizados de Chorozinho tenham seus direitos garantidos a partir de políticas públicas.

#### 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. São Paulo: Companhia de letras, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo” - Uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal**. Anuário antropológico 95: 161-190, 1996.

\_\_\_\_\_. **O manifesto do corpo**. Revista manifesto, p. 17-35, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONCEIÇÃO, Joanie. **Irmandade da Boa Morte e Culto de Babá Egum: Masculinidades, Feminilidades e Performances Negras**. Jundiá: Paco Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_  
**Duas metades, uma existência: produção de masculinidades e feminilidades Irmandade da Boa Morte e no culto de Babá Egun.** 210f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011

CONNEL, Raewyn W. **Políticas da masculinidade.** Educação e realidade, p. 185-206, 1995.

CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.** 2002.

**DOCUFICÇÃO.** Academia Brasileira de Letras, 2021. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/docuficcao>>. Acesso em: 20 nov. 2023

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** São Paulo: LTC, 1989.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade.** São Paulo, Elefante, 2022.

NASCIMENTO, Ricardo Cesar Carvalho. **A ginga: do corpo ao cosmos.** Vol. 3. Vazantes, 2019.

REYNA, Carlos Francisco Perez. **Antropologia do cinema: as narrativas cinematográficas na pesquisa antropológica.** Minas Gerais: Programa de pós-graduação em Ciências Sociais – UFJF, 2017.

ROSA, João Guimarães. **Melhores Contos: João Guimarães Rosa (Org. Walnice).** 1ª ed. São Paulo: Global Editora, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações.** Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1ª ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

## **DISCOGRAFIA**

NASCIMENTO, Mateus Fazeno Rock. **Jesus não voltará.** Ceará: Estúdio El Shaka, Estúdio Trilha Sonora e Pro Áudio, 2023. ALBUM (39 min.)

NASCIMENTO, Mateus Fazeno Rock. **Da noite.** Ceará: Estúdio El Shaka, Estúdio Trilha Sonora e Pro Áudio, 2023. Faixa 13. Álbum: **Jesus não voltará.** (2 min.) Disponível em: <[13. Da Noite - Mateus Fazeno Rock](#)> Acessado em: 19 nov. 2023.